



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 18, número 3, novembro, 2025, pág.176-202

***Repercussões de práticas corporais sobre a saúde de
pessoas em sofrimento psíquico***

***Repercussions of body practices on the health of people
with psychic disorder***

***Repercusiones de las prácticas corporales en la salud de
las personas con sufrimiento psíquico***

Ingrid Bergma da Silva Oliveira¹

Letícia Medeiros Castelo Branco de Sousa²

Lucivaldo da Silva Araújo³

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa que investigou as repercussões de práticas corporais, com ênfase nas grupais, sobre a saúde e a qualidade de vida de usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O estudo focou-se em indivíduos com histórico de participação em práticas corporais coordenadas por terapeutas ocupacionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo cartográfica, realizada com seis participantes por meio de entrevistas e preenchimento de formulário virtual. Os dados foram analisados mediante Análise Temática. Os resultados indicam o envolvimento dos participantes em diversas práticas corporais, tanto no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) quanto fora dela, incluindo dança, yoga, caminhada, pilates e grupos coordenados por terapeutas ocupacionais. O estudo evidenciou efeitos positivos dessas práticas no alívio da ansiedade, na melhora da autopercepção e na expressão de sentimentos, reafirmando seu potencial terapêutico para o cuidado em saúde mental e para a Terapia Ocupacional.

¹ Universidade do Estado do Pará. ingrid.oliveira@uepa.br <https://orcid.org/0000-0001-8896-4522>

² Universidade do Estado do Pará. leticiasousa.to@gmail.com

³ Universidade do Estado do Pará. lucivaldoaraujo@uepa.br <https://orcid.org/0000-0002-8974-0886>



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Práticas Corporais; Saúde Mental.

ABSTRACT

This article presents a study that investigated the repercussions of body practices, especially group-based ones, on the health and quality of life of users of the Unified Health System (SUS) treated at a Psychosocial Care Center (CAPS). The study focused on individuals with a history of participation in body practices coordinated by occupational therapists. This is a qualitative, cartographic research conducted with six participants through interviews and the completion of a virtual form. Data were analyzed using Thematic Analysis. The results indicate the participants' involvement in various body practices, both within the Psychosocial Care Network (RAPS) and outside it, including dance, yoga, walking, Pilates, and groups coordinated by occupational therapists. The study demonstrated positive effects of these practices on anxiety relief, improved self-perception, and expression of feelings, reaffirming their therapeutic potential for mental health care and for Occupational Therapy.

Keyword: Occupational Therapy; Body Practices; Mental Health.

RESUMEN

Este artículo presenta una investigación que analizó las repercusiones de las prácticas corporales, con énfasis en las grupales, sobre la salud y la calidad de vida de usuarios del Sistema Único de Salud (SUS) atendidos en un Centro de Atención Psicosocial (CAPS). El estudio se centró en individuos con historial de participación en prácticas corporales coordinadas por terapeutas ocupacionales. Se trata de una investigación cualitativa, de tipo cartográfica, realizada con seis participantes mediante entrevistas y cumplimentación de un formulario virtual. Los datos fueron analizados mediante Análisis Temático. Los resultados indican la participación de los sujetos en diversas prácticas corporales, tanto en el ámbito de la Red de Atención Psicosocial (RAPS) como fuera de ella, incluyendo danza, yoga, caminata, pilates y grupos coordinados por terapeutas ocupacionales. El estudio evidenció efectos positivos de estas prácticas en el alivio de la ansiedad, la mejora de la autopercepción y la expresión de sentimientos, reafirmando su potencial terapéutico para la atención en salud mental y para la Terapia Ocupacional.

Palabras clave: Terapia ocupacional; Prácticas corporales; Salud mental.



Este artigo apresenta uma pesquisa que investigou as repercussões de práticas corporais, especialmente as grupais, na saúde e na qualidade de vida de usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O estudo focou-se em indivíduos com histórico de participação em práticas corporais coordenadas por terapeutas ocupacionais. Objetivou-se compreender de que modo tais práticas impactam a vivência do corpo, o reconhecimento de suas potencialidades e a influência desse processo no cotidiano de pessoas que vivenciam um transtorno mental.

O interesse pela temática surgiu a partir de experiências práticas na formação acadêmica em Terapia Ocupacional, somadas aos interesses pessoais dos pesquisadores por áreas como dança e yoga. Tais vivências suscitaram questionamentos sobre a exploração do corpo e do movimento em intervenções na interface entre arte e saúde, bem como sobre a influência dessas experimentações na visão de mundo e de si mesmos.

Na Terapia Ocupacional (TO), autoras como Liberman e Castro produzem referencial teórico desde a década de 1990, sustentando tanto a formação de terapeutas ocupacionais para a proposição de práticas corporais quanto a atuação dos profissionais no mercado de trabalho, conforme apontado por estudos recentes (Silva et al., 2024; Rodrigues & Souza, 2020; Liberman et al., 2017; Borba et al., 2018).

As perspectivas que embasam esta pesquisa adotam noções de corpo orientadas por um conhecimento transdisciplinar, com contribuições da Filosofia, Psicologia, Comunicação, Educação e Antropologia, entre outros campos (Castro, 2000; Liberman et al., 2011; Silva et al., 2024).

Para Liberman (2007), é fundamental conceber o corpo como um atravessamento de histórias, em constante movimento, destruição e reconstrução. A autora argumenta que, frequentemente, os sujeitos veem-se condicionados a



responder incessantemente a cobranças e obrigações em seus contextos de vida — familiar, laboral e outros. Esse cotidiano, quando marcado pela falta de fluidez, promove um engessamento e uma estagnação do movimento natural de renovação corporal.

Em contrapartida, práticas individuais ou grupais podem criar ambientes propícios para que o indivíduo se desvencilhe de couraças — aqui compreendidas como estruturas defensivas que atuam como uma armadura, com repercussões musculares crônicas e consequências limitantes, restritivas ou cronificantes. Trata-se de um elemento psíquico relacionado a mecanismos de defesa, porém com manifestação somática (Almeida & Albertini, 2014). O objetivo é facilitar a reflexão sobre essa realidade, fomentando o autoconhecimento e a consciência corporal.

Nesse contexto, Oliveira e Araújo (2013) concebem o grupo corporal — com intenção terapêutica — como um estar junto que respeita o tempo e o ritmo do outro. Nele, cada participante se apresenta em suas formas e dentro de seus limites, promovendo um movimento sutil de reconhecimento mútuo. A observação de grupos corporais revela o potencial de tais experiências para fomentar o nascimento de corpos mais flexíveis e livres, desde que ocorram em uma ambiência segura e acolhedora (Oliveira, 2016).

O conceito de ambiência refere-se à criação de um meio facilitador de práticas, que envolve o cuidado com o espaço vivencial para que os sujeitos se sintam acolhidos (Guattari & Rolnik, 2005; Moura, 2002 como citado por Oliveira, 2016). A tese da Ambiência considera a importância de fatores relacionais na configuração dos espaços de saúde mental e sua influência no agravamento ou na melhora dos usuários. Portanto, a ambiência constitui um espaço organizado que transcende o meio físico, incluindo dimensões estéticas e emocionais, preparadas para o exercício de atividades humanas (Moura, 2002; Oliveira, 2016).

Assim, esta pesquisa buscou investigar as repercussões de práticas corporais grupais sobre a saúde e a qualidade de vida de usuários da Terapia Ocupacional no campo da saúde mental. Objetivou-se compreender como os corpos reagem a essas vivências, como os atravessamentos decorrentes do



contato com outros indivíduos interferem na corporeidade de sujeitos em sofrimento psíquico e de que maneira a investigação pode aprimorar a oferta de ações nos dispositivos de saúde do SUS. Espera-se que os resultados impactem diretamente os cuidados prestados àqueles que buscam suporte psicossocial e que possam fortalecer as intervenções dos profissionais por meio de discussões e interlocuções.

A relevância do estudo é reforçada pela valorização dessas práticas em políticas públicas como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), a Política Nacional de Humanização (PNH) e a Portaria de Consolidação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Ademais, as práticas corporais configuram um tema de grande relevância no âmbito das ações desenvolvidas por terapeutas ocupacionais no SUS, conforme atestam pesquisas recentes (Silva et al., 2024; Rodrigues & Souza, 2020). Tais práticas promovem sentimentos de pertencimento, vínculo, cuidado e participação social, atraindo significativo investimento de pesquisadores da TO no Brasil (Saito & Castro, 2011; Ferigato et al., 2018; Toldrá et al., 2014; Oliveira & Araújo, 2013; Oliveira, 2016; Camargo et al., 2018; Fernandes et al., 2020).

MÉTODO

Este artigo resulta de uma pesquisa qualitativa do tipo cartográfica. A cartografia constitui um método de pesquisa que se distingue das abordagens tradicionais por oferecer uma perspectiva mais abrangente sobre a produção de conhecimento científico e sua validade. Este método analisa processos sem a pretensão de alcançar verdades absolutas, uma vez que busca captar a subjetividade, o movimento e os fluxos em transformação, em detrimento de conclusões definitivas (Amador & Fonseca, 2009).

De acordo com Amador e Fonseca (2009), a cartografia convida o pesquisador a imergir no material de estudo de modo que este seja produzido concomitantemente à sua análise. Essa dinâmica exige um pensamento diferenciado sobre o objeto de estudo, no qual a capacidade inventiva e criadora



deve ser aguçada, superando, em importância, o conhecimento estritamente técnico.

Inicialmente concebida como uma pesquisa de campo com grupo de intervenção, esta cartografia foi adaptada devido às limitações impostas pela Pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021. O recrutamento dos participantes foi realizado por indicação dos terapeutas ocupacionais de um CAPS do tipo III, integrante da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) na cidade de Belém/PA.

Os critérios de inclusão foram ser usuário do serviço que tivesse participado de grupos de práticas corporais conduzidos por terapeutas ocupacionais nos cinco anos anteriores à pesquisa (2016-2020), ter idade igual ou superior a 18 anos e aceitar participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critério de exclusão, considerou-se a presença de quadro de saúde mental instável no momento do contato, como crise psicótica, mesmo que o usuário preenchesse os critérios de inclusão. Os terapeutas ocupacionais do serviço indicaram dez usuários potencialmente elegíveis, dos quais seis consentiram em participar e assinaram o TCLE.

A produção de dados iniciou-se com um contato via aplicativo de mensagens instantâneas. Após a concordância, foram agendados encontros presenciais, conforme preferência dos participantes, para a realização de entrevistas individuais no segundo semestre de 2021. Durante os encontros, a pesquisadora principal preenchia um formulário virtual com perguntas sobre a interação dos usuários em práticas corporais e suas repercussões na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida. As questões incluíam, por exemplo: “Quais práticas corporais em grupo você pratica ou praticou?” e “Alguma prática corporal repercute sobre sua saúde física e mental? Como?”.

A análise dos dados foi conduzida por meio da Análise Temática, método que consiste na identificação de padrões recorrentes de significado para uma compreensão detalhada dos fenômenos estudados (Rosa & Mackedanz, 2021). Os dados foram organizados a partir das informações registradas no formulário e da



escuta das gravações de áudio das interações. Para preservar o anonimato, os excertos das falas foram identificados pelas iniciais dos nomes dos participantes.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sob o Parecer nº 4.742.109.

A partir dos dados analisados, foram construídas duas Unidades de Significação: 1. O envolvimento de usuários de CAPS em práticas corporais; e 2. Repercussões das práticas corporais grupais sobre a saúde de pessoas com transtorno mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos Participantes

O grupo de seis participantes era composto por cinco mulheres (R.F; J.L; I.D; V.S; C.N) e um homem (V.F), com idades entre 36 e 57 anos. Todos haviam participado de diversos grupos de práticas corporais no CAPS nos cinco anos anteriores à produção de dados e a maioria buscou outras práticas corporais fora da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) após a experiência inicial no serviço.

Conforme determina a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) para atendimento em CAPS III, todos os participantes apresentavam sofrimento mental grave e persistente. Optou-se por não aprofundar os diagnósticos, considerando sua mutabilidade e o fato de os prontuários não terem sido acessados. No entanto, durante as entrevistas, os próprios usuários relataram seus diagnósticos que envolvem quadros de ansiedade, depressão e transtorno de humor.

O envolvimento de usuários de CAPS em práticas corporais

As práticas corporais constituem formas de cuidado ampliado que atuam sobre e por meio do corpo. Neste estudo, optou-se por tratá-las sem distinção formal em relação às “atividades físicas”, mantendo a nomenclatura “práticas corporais” em alinhamento com a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), que utiliza os termos como sinônimos em suas publicações (Ministério da Saúde,



2017). Essa opção também se justifica pelo fato de os próprios participantes as citarem sem distinção em seus discursos.

Reconhece-se, contudo, a ausência de consenso sobre o uso conjunto ou diferenciado desses termos. Para autores que os distinguem, a “atividade física” conecta-se a um esforço contra o sedentarismo, com foco em indicadores epidemiológicos e nutricionais para a manutenção ou a melhora da aptidão física – como caminhadas, corrida e boxe (Carvalho & Nogueira, 2016). Já as “práticas corporais” estariam mais associadas a ações integrativas em saúde, focadas na melhoria das condições de vida de sujeitos ou coletivos, incluindo atividades como relaxamento, yoga e alongamento, dentre outras.

A diferenciação entre os termos reflete um tensionamento entre o “paradigma biologizante da aptidão física, do conceito de risco subjacente ao discurso vigente sobre o sedentarismo, e o caráter cultural e lúdico do fenômeno com suas várias ligações sociais” (Carvalho & Nogueira, 2016, p. 1833). Seja qual for a terminologia adotada, tanto a atividade física quanto a prática corporal são reconhecidas como ações protetivas e preventivas na promoção da saúde global, incluindo a saúde mental (Carvalho, 2015; Knuth & Antunes, 2021).

Propostas que unificam as terminologias devem valorizar “as experiências dos sujeitos em seus contextos social, familiar, cultural e biológico, além das subjetividades criadas a partir delas” (Carvalho & Nogueira, 2016, p. 1835).

Nesse sentido, as ações no campo das práticas corporais devem fomentar autonomia, empoderamento, participação social, fortalecimento de vínculos, ludicidade e a criação de objetivos coletivos (Carvalho, 2015; Carvalho & Nogueira, 2016).

Os participantes relataram envolvimento em diversos tipos de práticas corporais, tanto dentro quanto fora da RAPS, incluindo modalidades de dança, yoga, caminhada, pilates, boxe, grupos de trabalho corporal coordenados/conduzidos por terapeutas ocupacionais, relaxamento e rodas de dança circular. Eles afirmaram que essas experiências contribuíram para o equilíbrio emocional e a diminuição de crises psíquicas.



Para Liberman et al. (2017), as práticas corporais e expressivas oportunizam o acesso a lugares pouco explorados no interior do sujeito, despertando novas possibilidades de movimentação, percepção de si e da realidade, e criando mecanismos mais sutis e equilibrados de enfrentamento de adversidades. Além dos benefícios orgânicos e da melhora da aptidão física, Liberman (2002) destaca a importância de considerar os aspectos subjetivos, as emoções e os sentimentos despertados nessas experiências, que abrem acesso a processos internos.

As entrevistas realizadas indicam que a movimentação e a exploração do corpo, de diversas formas, influenciam positivamente a saúde mental. Quando incorporadas à rotina, em conjunto com o acompanhamento interdisciplinar, podem promover mudanças significativas na vida de pessoas em sofrimento psíquico. Tais práticas trazem vitalidade e ânimo, resgatam a sensação de estar vivo e ativo na própria existência e facilitam o reconhecimento de potencialidades e limitações, configurando-se como um conhecimento de si para interações mais saudáveis e estáveis com o ambiente e com os outros (Araújo et al., 2011).

Todos os entrevistados afirmaram que as práticas corporais auxiliam a saúde mental. Além das já citadas, mencionaram a prática de boxe, hidroterapia, dança de salão, exercícios de respiração, ciclismo recreativo e esportivo.

Quanto à motivação para o envolvimento em práticas corporais grupais no contexto da saúde mental, os participantes relataram melhora no humor, bem-estar corporal e mental, maior conhecimento e domínio sobre sentimentos e emoções, e alívio psíquico pela liberação de emoções antes represadas. A oportunidade de interação social, a criação de relações de amizade e o compartilhamento de vivências com pessoas em situações semelhantes foram citados como fatores importantes para não se sentirem sós no processo.

“Aos poucos a gente vai melhorando, e melhora muito, porque a gente tá em contato com outras pessoas, conversando, trocando as experiências né, da doença, comentando sobre a doença” (R.F).



“Conheci pessoas, vi que não sou só eu que sofro disso, que pessoas que também tem problemas até maiores do que o meu. Que eu não estou no barco sozinha[...]” (J.L).

Um grupo de práticas corporais na saúde mental não deve ter como objetivo a adequação do sujeito a um modelo comportamental considerado “normal”, mas pode abordar estratégias de regulação emocional por meio da estimulação da corporeidade, do cuidado e do acolhimento (Oliveira, 2016). A regulação emocional refere-se à habilidade de experienciar emoções sem intensificá-las ou desativá-las excessivamente, mantendo-as em níveis administráveis mesmo diante de vivências externas intensas (Ferreira, 2020).

Frequentemente, indivíduos com transtornos mentais são estigmatizados como limitados e incapazes. Por isso, é fundamental utilizar o trabalho corporal como agente libertador, cujo foco principal é o conhecimento de si, suas potencialidades e possibilidades, desenvolvendo o poder de criar novas realidades com mais autonomia, independência e perspectivas de futuro (Araújo et al., 2011).

Os participantes, por serem usuários que já haviam frequentado grupos conduzidos por terapeutas ocupacionais, referiram-se a experiências que utilizaram intervenções como exercícios de respiração, dança, yoga, automassagem e relaxamentos. Tais vivências foram orientadas por um olhar terapêutico ocupacional para estimular a corporeidade de diferentes formas, atreladas a repercussões ocupacionais: *“Cada vez vai soltando aqueles nós, parece uns nós que estão amarrando a gente, aí aquilo vai soltando, vai desamarrando, e você vai se soltando e você vai melhorando” (R.F)*

Nas intervenções com práticas corporais, constrói-se uma facilitação gradativa para que o sujeito desenvolva a autopercepção, torne-se mais consciente de seu mundo interno e de como se relaciona com o externo, compreenda melhor suas emoções e reações cotidianas e torne-se capaz de manejar suas ações em situações emocionalmente desorganizadoras (Saito & Castro, 2011).

Apesar dos benefícios, tais práticas não estão isentas de limitações. Quando questionados sobre incômodos ou dificuldades durante as práticas coordenadas



por terapeutas ocupacionais, os participantes relataram o seguinte, a partir de uma lista fornecida: quatro citaram “dificuldades de executar certos movimentos”; três mencionaram “dificuldade de concentração e desconforto físico”; e um assinalou “não senti nenhum incômodo”. Opções como “exposição do corpo”, “movimentos constrangedores”, “dificuldades de se entregar às vivências corporais” e “dificuldade de interagir com os outros participantes do grupo” não foram marcadas por nenhum participante, tampouco foram citadas outras dificuldades além da lista.

Os incômodos relatados podem estar associados à complexidade de algumas proposições (como posturas de yoga), à interface entre sofrimento psíquico e condições clínicas (como fibromialgia), ou a limitações de amplitude de movimento, sedentarismo e prejuízos na atenção e concentração. No entanto, embora tais desconfortos tenham sido registrados, o discurso predominante destacou a contribuição positiva das práticas em diferentes esferas da vida.

Antunes et al. (2018), em revisão sistemática sobre práticas corporais na perspectiva das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), indicam que essas práticas promovem relaxamento, alívio de dores, aumento do bem-estar, redução de ansiedade e estresse, melhora do sono e atenuação de sintomas de diversas condições clínicas. Contribuem, ainda, para processos de autocuidado e para a ressignificação dos processos saúde-doença, considerando dimensões materiais e imateriais do corpo.

Sob uma ótica integrativa, as práticas corporais não visam “gastar/queimar” calorias, mas potencializar energia, convidando as pessoas a centrarem a atenção nos sentimentos despertados e nas reações do corpo, permitindo um espaço-tempo de introspecção e atenção ao presente a partir do movimento (Melo et al., 2006).

Estudos recentes corroboram os achados desta pesquisa ao apontarem efeitos positivos sobre aspectos físicos e psíquicos, reafirmando o potencial terapêutico das práticas corporais, uma visão ampliada do corpo e dos processos saúde-doença, e contribuições associadas a noções de cuidado e promoção da saúde (Antunes et al., 2018; Silva et al., 2024; Rodrigues & Souza, 2020; Liberman et al., 2017; Borba et al., 2018).



Ressalta-se, por fim, que as práticas corporais por si só não mantêm um caráter terapêutico, mas adquirem-no quando realizadas em um contexto favorecedor, que inclui a atitude do proponente, seus recursos, seu cuidado com a condução e seu nível de investimento – elementos relacionados à dedicação e ao zelo.

Repercussões das práticas corporais grupais sobre a saúde de pessoas com transtornos mentais

A análise dos discursos dos participantes permitiu catalogar as principais repercussões das práticas corporais sobre a saúde de pessoas com transtorno mental, a partir de suas próprias perspectivas. Estas repercussões foram organizadas em três eixos: 1) alívio de ansiedade e outros sintomas; 2) melhora no desempenho ocupacional e na percepção de si; e 3) expressão e regulação de sentimentos.

1. Alívio de ansiedade e outros sintomas

A cadência acelerada da vida contemporânea, marcada por demandas sociais, laborais e familiares constantes, exige uma adaptação a fluxos infindáveis de informação e produção. Esse contexto capitalista tende a homogeneizar os sujeitos, distanciando-os de si mesmos por meio da dominação de seus corpos e subjetividades (Saito & Castro, 2011). Essa realidade, intensificada após a Pandemia de COVID-19, gera processos ansiosos ao desconectar os indivíduos do presente, criando urgências excessivas e focos no futuro.

Os participantes relataram que a participação em grupos de práticas corporais coordenados por terapeutas ocupacionais no CAPS promoveu alívio de sintomas ansiosos decorrentes dos transtornos mentais, além de auxiliar em questões como luto e comorbidades – por exemplo, fibromialgia e outros quadros articulares e musculares.

“Esquecia mais a depressão, os pensamentos negativos, ativava a mente[...] [durante o atendimento]” (I.D)



“Tinha muito [dor muscular] antes de começar as atividades lá, porque eu ficava muito tensa e não conseguia relaxar, e nem sabia como relaxar, e aí eu aprendi lá [no grupo com a TO]” (V.S)

“Eu saía daí [do grupo com a TO] mas era diferente, sabe? Parecia que eu estava flutuando” (I.D)

Essas falas ilustram a percepção de que os estados de relaxamento vivenciados durante as práticas refletiram na diminuição de sintomas desencadeados por tensões, estresse e pensamentos depressivos ou ansiosos, proporcionando afastamento temporário de sentimentos negativos e alívio de dores musculares frequentemente associadas à ansiedade.

Segundo Medeiros (2019), o corpo absorve todos os acontecimentos da vida e reage de formas variadas, descarregando sentimentos inconscientemente por meio de dores, tiques, rigidez e tremores. Pela indivisibilidade corpo-mente, o campo psíquico também é afetado, gerando ansiedade, estresse e instabilidade emocional – configurando uma retroalimentação entre as dimensões física e mental.

Essa sensação de que o corpo acumula e responde ao sofrimento pode aproximar pessoas com transtorno mental de quadros psicossomáticos, nos quais o organismo desenvolve defesas que se manifestam corporalmente, desde urticárias e gastrites até sintomas mais graves (Lima, 2016). Diante disso, as práticas corporais – ao estimularem a consciência corporal, o acolhimento de emoções e o autoconhecimento – permitem que os usuários compreendam a origem de tensões e desconfortos, gradualmente desenvolvendo estratégias de enfrentamento para lidar com essas questões de forma mais harmoniosa.

A dinâmica social atual, pouco receptiva à expressão de sentimentos que fogem ao foco produtivo e automatizado, prejudica a conexão com o próprio corpo, criando sujeitos adoecidos pelo embotamento de suas individualidades (Saito & Castro, 2011). Nesse contexto, intervenções que possibilitem acessar espaços internos negligenciados no cotidiano tornam-se essenciais. Os grupos de práticas corporais surgem como oportunidades de reencontro consigo e com o outro,



reativando sensações e redescobrimdo formas de ser e estar individual e coletivamente.

Esse reencontro consigo mesmo pode levar à melhora de condições clínicas estagnadas, como observado em participantes com fibromialgia e queixas de dores musculares e articulares:

“As práticas corporais são essenciais porque às vezes tu tá muito dolorida, no meu caso né?, que tô agora diagnosticada com essa nova doença [...] fibromialgia” (J.L)

“A dança até sumiu com as dores da cabeça... era divertida, a música... Era divertido, animava a gente” (I.D)

O corpo é uma fonte de conhecimento sobre o sujeito, guardando informações sobre alegrias, dores, mágoas, desejos, formas de funcionamento, limitações e potencialidades. O terapeuta ocupacional ao conduzir intervenções corporais pode liberar corações e estagnações, resgatando um fluxo que seja contínuo e que possibilite ampliação de bem-estar (Liberman, 2002; Oliveira, 2016).

As atividades em grupos coordenados por terapeutas ocupacionais foram mencionadas como geradoras de bem-estar em diversos âmbitos da vida, com participantes relatando experiências essenciais para a criação de mecanismos de organização emocional, os quais foram incorporados ao cotidiano:

“Então, o que muitas vezes a gente vê lá vocês fazendo, a gente faz lá e também quando tá em casa” (J.L)

“Eu acho que a respiração para mim é o mais importante, porque até mesmo quando eu não tô legal assim, eu só fico assim: “concentração e respiração”!, eu acho que eu fico bem melhor” (V.S)

O trabalho corporal coordenado por terapeuta ocupacional também visa maior autonomia e independência do sujeito, estimulando a autorregulação. Além disso, as práticas corporais em grupo podem facilitar o desempenho de habilidades sociais e permitir a expressão de pensamentos e ideias antes reprimidas, auxiliando na estruturação do cotidiano e nas relações pessoais (Cunha & Santos, 2009). A autorregulação das emoções refere-se aos processos envolvidos no gerenciamento



emocional diante de situações que desencadeiam emoções intensas, sejam positivas ou negativas (Ferreira, 2020).

Os excertos a seguir corroboram essa afirmação:

“Quando eu não tô com coragem de ir [para o grupo] aí eu desestabilizo completamente” (J.L)

“[As práticas corporais em grupo] me ajudavam a sair de casa porque eu tinha medo” (C.N)

Percebe-se, nessas falas, que as práticas corporais coordenadas por terapeutas ocupacionais e a frequência constante a elas influenciaram na estabilização de sintomas como desorganização psíquica, instabilidade emocional e medos exacerbados, proporcionando maior busca por equilíbrio emocional e criando estratégias de enfrentamento para situações complexas que limitam o desempenho ocupacional.

De acordo com Liberman (2002), na Terapia Ocupacional, a concepção de atividades em grupo abrange não apenas suas finalidades diretas, mas também – e principalmente – as repercussões sobre o modo de agir, sentir e viver do indivíduo. Considera-se seu potencial transformador e viabiliza-se um processo de subjetivação, no qual o sujeito desenvolve um sentimento de pertencimento à comunidade, ocupa espaços e constrói novas formas de interação ativa com aquele meio. Consequentemente, ocorrem mudanças no modo de lidar com relações interpessoais fora do grupo (família, amigos) e com os ambientes que frequenta.

2) Melhora no desempenho ocupacional e na percepção de si

A Terapia Ocupacional (TO) encontra nos grupos de práticas corporais um território fértil para atuação, utilizando recursos artísticos e corporais para acessar sensações, ritmos, emoções e movimentos. Por meio de intervenções que tornam mais palpáveis as afetações que repercutem no sujeito, a TO auxilia na constante desconstrução, construção e reconstrução corporal através do encontro com outros corpos que vivenciam processos semelhantes (Liberman, 2002).



O desempenho ocupacional refere-se à capacidade de realizar tarefas e atividades diárias de maneira satisfatória e apropriada ao estágio de desenvolvimento, cultura e ambiente do sujeito, considerando o impacto direto dos processos psíquicos a todo momento. Trata-se de uma interação complexa entre fatores pessoais, ambientais e ocupacionais, envolvendo a participação em atividades significativas que conferem propósito à vida (Gomes et al., 2021).

Na vivência de um transtorno mental, é comum que emoções e sentimentos invadam intensamente o fluxo corpo-mente, desencadeando reações que paralisam e incapacitam o indivíduo para a rotina e afazeres. Seja em crises depressivas, oscilações emocionais ou picos de euforia, essas modulações – e, em alguns quadros, os descontroles psíquicos – afetam o desempenho ocupacional e prejudicam o convívio social, familiar e profissional (Cunha & Santos, 2009).

Essa alternância entre "paralisia e vivacidade" corporal demonstra a potencialidade de renovação do fluxo corpo-mente e a possibilidade de ativar mecanismos internos de enfrentamento e superação de problemas complexos. Essa flexibilidade subjetiva é ilustrada na fala de R.F:

“Eu tava muito, muito ruim quando eu vim pra cá participar do grupo [de práticas corporais do CAPS], eu tava muito apática, sabe assim, que a gente não quer nada com nada, não tem vontade com nada” (R.F)

“Ela [a prática corporal] tava despertando o que tava adormecido dentro da gente né, e você vai melhorando gradativamente, é tipo um trabalho de formiguinha” (R.F)

Por meio das práticas corporais, a TO atua na promoção de saúde mediante o agenciamento do cuidado, da escuta e do acolhimento, intervindo sobre adoecimentos, desequilíbrios e sofrimentos através da entrega afetiva, corporal e emocional. O terapeuta ocupacional promove e guia possibilidades de expansão e potencialização de grupos em diferentes interfaces (Lieberman et al., 2017).

No contexto coletivo, além da exploração e conhecimento do próprio corpo, torna-se possível interagir com outras corporeidades que, embora unidas por um objetivo comum, funcionam de modos diversos. Compreender outros tipos de



existência, entrar em contato com diferentes realidades e maneiras de ser e estar no mundo, e lidar com os atravessamentos decorrentes desses encontros expande as perspectivas dos participantes. Isso gera novas possibilidades de percepção sobre si mesmo e sobre o mundo, impactando consequentemente o desempenho ocupacional (Araújo et al., 2011).

“A gente conhece pessoas novas, pessoas velhas né? [...] Uma troca de ideias” (V.F)

“O que mexia mesmo comigo era isso: trabalho em grupo, conversar” (I.D)

“A gente tá em contato com outras pessoas, conversando, trocando as experiências né?” (R.F)

A diluição de couraças e o estabelecimento do equilíbrio corporal permitem o surgimento de formas mais potentes de se colocar no mundo. Corpos agora pulsantes tornam-se preparados para responder, a seu modo, às demandas sociais e para vivenciar os acontecimentos da vida (Liberman et al., 2017).

“Eu saía daqui animada [do grupo], já dava para seguir o resto do dia bem animada” (I.D)

“Parecia que a gente criava uma alma nova, eu saía rejuvenescida [depois do grupo]” (JL)

A condução dessas práticas pelo terapeuta ocupacional focaliza a reconstrução e a estruturação das atividades cotidianas, resgatando ocupações prejudicadas pelo sofrimento psíquico intenso e promovendo a sensação de renascimento e renovação do corpo, agora consciente de seu potencial transformador.

“Eu comecei a despertar, meu corpo começou a reagir, aí eu comecei a ter vontade de ir mais pro trabalho, comecei a ter vontade de vir pra cá [pro grupo], participar mais, de me arrumar pra vir pra cá, e na minha casa também, começar a fazer as atividades em casa” (R.F)

“Eu já tô bem, já tô conseguindo conversar, dizer o que eu tô sentindo, onde é que tá doendo, me levantar da cama de manhã, ir pro banheiro.” (J.L)



O ritmo acelerado da sociedade contemporânea exige absorção constante de informações, com poucas pausas e descanso de qualidade. A pressão para produzir, consumir e gerar lucro homogeneiza os sujeitos, obscurecendo seus tempos, ritmos e peculiaridades individuais em favor da adequação a um sistema que frequentemente oprime singularidades (Saito & Castro, 2011).

Por meio das práticas corporais e da mediação do terapeuta ocupacional, os participantes passam a compreender que seus ritmos nem sempre estarão em consonância com as demandas sociais – e que isso não é negativo ou inadequado, pois cada ser possui formas únicas de se comportar e interagir com o mundo.

A experiência da Pandemia de COVID-19 exemplificou a necessidade de lidar com ritmos diferentes dos esperados, reforçando a compreensão de que os funcionamentos na vida são diversos e não seguem um padrão único. Em diferentes momentos e realidades, podemos vivenciar cadências mais lentificadas ou aceleradas.

Na fala de J.L., percebe-se que ela compreendeu seu tempo e ritmo particulares, aprendendo a respeitá-los e adaptar-se a eles, buscando em seu cotidiano maneiras de encontrar seus próprios compassos para desempenhar atividades e compromissos:

“A gente não faz porque não tá conseguindo fazer” (J.L)

“Nunca gostei de rotina, eu não posso ter uma rotina, porque se eu for ter uma rotina assim eu termino deixando a desejar” (J.L)

O terapeuta ocupacional utiliza o trabalho corporal para oferecer oportunidades de autocompreensão e de reconhecimento dos próprios modos de funcionamento, bem como de como estes afetam o desempenho ocupacional. Isso auxilia na criação de estratégias de adaptação quando necessário e na conquista de arranjos de espaços e tempos que permitam vivenciar a própria cadência.

Segundo Liberman (2007), o objetivo maior é alcançar as camadas mais profundas do ser humano, onde se encontram sentimentos guardados, esquecidos e adormecidos, e extrair desse material o autoconhecimento, a apropriação de si e



a ocupação de espaços. Dessa forma, potencializa-se o fluxo corpo-mente para que não mais se paralise diante dos acontecimentos da vida.

3) Expressão e regulação de sentimentos

A variação de corpos e vivências, o encontro com o diferente e com outras perspectivas de vida possibilitam explorar o que Rolnik (1993) denomina *estados inéditos do corpo* – proporcionados pelas diversas combinações dos fluxos invisíveis que constituem nossa existência.

As obras imanentes geradas pelas práticas expressivas não são concretas, demandando atenção tanto ao momento passageiro da experimentação quanto às reverberações que essas "obras" deixam como rastros na memória e nos corpos dos participantes (Lieberman et al., 2017).

“No primeiro dia que eu fui eu chorei muito, eu não sabia porquê” (V.S)

“Eu cheguei a chorar umas duas ou três vezes logo que eu comecei a fazer [as práticas corporais no CAPS]” (I.D)

Os relatos de choro nos primeiros encontros de grupos coordenados por terapeutas ocupacionais indicam a presença de sentimentos guardados que não estavam sendo trabalhados ou expressos. Nos contatos iniciais com o trabalho corporal, essas questões foram tocadas e trazidas à tona em um ambiente seguro e acolhedor, provocando a liberação emocional através do choro.

O corpo constitui um emaranhado tridimensional de redes e camadas que se comunicam, sendo constantemente afetado pelos encontros e relações construídos no espaço/tempo. Diferente de algo bidimensional, o corpo precisa ser abordado por múltiplos ângulos e perspectivas, exigindo que se toquem todas as suas partes e investiguem todas as suas camadas para compreender seu funcionamento e suas relações consigo mesmo e com o mundo (Lieberman, 2007).

“Lagrimava às vezes, às vezes quando eu estava assim meio para baixo, alguma coisa que tinha acontecido aí depois passava” (I.D)

“Cheguei um dia tão angustiada [...] aí ela [terapeuta ocupacional responsável por coordenar um grupo de trabalho corporal do qual



participava] disse assim mesmo “C.N, o que é que tu tens?” aí eu disse “Tô com uma vontade de gritar” aí ela disse assim mesmo, isso no grupo, em roda, “Tu queres gritar? Então grita, vamos gritar com a C.N” e eu “AAAAH” e todo mundo gritou junto” (C.N)

A construção de um local seguro e acolhedor, onde o grupo se torna uma rede de apoio e o terapeuta ocupacional atua como facilitador das relações, é essencial para que os participantes possam se desfazer de amarras e prisões internas que impedem a expressão livre. O trabalho com práticas corporais pode criar ambientes onde é confiável ser quem se é, em todas as nuances, com o respeito ao espaço e tempo do outro como único delimitador.

Silva e Gregorutti (2014) destacam a importância de terapeutas ocupacionais em formação realizarem imersões em processos de autoconhecimento e experimentações de práticas corporais, conhecimentos que complementam o ensino teórico e fomentam, na vida profissional, reflexões críticas sobre as reais necessidades dos clientes.

Lima et al. (2021) discorrem sobre as práticas corporais como mecanismo de acesso a campos criativos, culturais, intelectuais e artísticos, impactando subjetividades, valorizando as potencialidades do corpo-mente e estimulando singularidades individuais, ao mesmo tempo que propiciam a construção de formas mais delicadas, harmoniosas e generosas de estar em conjunto.

“Se eu tiver sentindo alguma coisa, eu consigo me concentrar, e antes de participar do grupo eu não sabia como” (V.S)

“Eu ligo para essa minha amiga [...] e digo: olha eu to mal. Aí ela diz: olha, respira, faz isso, isso, isso [...] porque às vezes a gente fica assim sem noção do que é para fazer” (J.L)

A criação de vínculos entre os participantes do grupo é fundamental para que, em situações em que o sujeito não consiga se autorregular, ele encontre em outra pessoa a confiança e o acolhimento necessários para compartilhar o que está sentindo. Colocar-se vulnerável diante do outro possibilita estar aberto a receber ajuda para se reorganizar.



Nosso modo contemporâneo de viver em sociedade tende a distanciar e automatizar corpos, dificultando trocas aprofundadas e interações que ultrapassem o superficial. Esse contexto engessa, afasta e estagna a energia criativa motivadora de processos e potencialidades (Liberman, 2007).

As vivências de práticas corporais podem resgatar o fluxo energético do corpo por meio do contato profundo com o outro, que atravessa os indivíduos de diversas maneiras. Tais experiências mostram que vidas e corpos são criações autorais, passíveis de modificação e flexibilização conforme as vivências acumuladas. É necessário conectar-se constantemente com essa essência latente e pulsante para estar consciente de si e, verdadeiramente, sentir-se vivo e pertencente a algo maior (Araújo et al., 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sofrimento psíquico expõe quem o vivencia a seus limites, demandando cuidado para campos frequentemente negligenciados – entre eles, o campo corporal. Embora muitos ainda adotem uma perspectiva dualista que separa corpo e mente, esta pesquisa reforça a compreensão de sua indissociável fusão. Enquanto a dualidade hierarquiza a psiquê como urgência no transtorno mental, a visão integrada reconhece que tudo se afeta, tudo importa e tudo está em conexão.

Os participantes desta pesquisa, sujeitos em sofrimento psíquico, demonstraram clara percepção tanto das afetações dos transtornos sobre o corpo quanto das repercussões positivas das práticas corporais como vivências que cuidam, ensinam e acolhem. Suas narrativas evidenciaram que tais práticas auxiliam os usuários dos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) a manterem-se ativos e mais produtivos no cotidiano, permitindo-lhes executar tarefas com maior organização, cumprir compromissos com mais facilidade e suprir demandas diárias que, invariavelmente, apresentam complexidade acrescida para quem vivencia um transtorno mental grave e persistente.

É possível inferir, a partir do grupo estudado – sem intenção de generalizações –, que a experiência de sofrimento psíquico grave e persistente



acarreta repercussões significativas sobre as ocupações, manifestando-se de modo singular em cada sujeito, seja nas Atividades de Vida Diária (AVD), lazer, educação, trabalho, Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), descanso, sono ou participação social. No entanto, para abordar as repercussões ocupacionais de forma específica e detalhada no contexto pesquisado, novos estudos são necessários, ainda que se reconheça que o trabalho corporal fornece repertório para que os sujeitos lidem melhor com suas ocupações.

As experimentações corporais na formação graduada em Terapia Ocupacional parecem contribuir significativamente para a compreensão do corpo como indicador de história pessoal. Aprender a acessá-lo é crucial, tanto para o sujeito quanto para o próprio terapeuta ocupacional. Esse acesso é gradual, e é no processo que se compreendem os efeitos emergentes de cada contato.

Assim, evidencia-se a relevância da temática abordada, embora sejam necessários mais estudos sobre as repercussões das práticas corporais em Terapia Ocupacional para pessoas que vivenciam transtornos mentais. Recomenda-se o aprofundamento da investigação sobre os impactos dessas práticas na qualidade de vida em diferentes contextos e com variados perfis de sujeitos, bem como sobre a formação de terapeutas ocupacionais para essa atuação.

Por meio da cartografia construída na aproximação de nossa questão de pesquisa, buscou-se captar os seres em seus fluxos, observando suas constantes (re)configurações e transformações, sem a expectativa de resoluções definitivas. A orientação foi para o devir, onde o produto da pesquisa se revela em infinitas possibilidades de existir e de produzir cuidados em saúde – objetivo que acreditamos ter alcançado.

REFERÊNCIAS

- Almeida, B. P., & Albertini, P. (2014). A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: publicações de 1920 a 1933. *Psicologia USP*, 25(2), 134–143. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130040>



- Amador, F., & Fonseca, T. (2009) Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 61(1). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100004
- Antunes, P., Lagranha, D., Sousa, M., Silva, A., & Fraga, A. (2018). Revisão sistemática sobre práticas corporais na perspectiva das práticas integrativas e complementares em saúde. *Revista Motrivivência*, 30(55). <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n55p227>
- Araújo, A., Amorim, A., Ferreira D., Costa, M., & Dias, D. (2011). Práticas corporais em saúde mental: trabalhando o corpo em prol da desinstitucionalização. *Anais do XVII Congresso brasileiro de ciências do esporte e IV Congresso internacional de ciências do esporte*. <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3489/1301>
- Borba, P. L. de O., Savani, A. C. C., Sousa, P. G. F. de, Medeiros, V. H. R., & Jurdi, A. P. S. (2018). Espaços de experimentação: potência do encontro, do fazer e a ampliação do repertório de atividades. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 26(1), 219–224. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE0998>
- Camargo, T. C. de A., Telles, S. de C. C., & Souza, C. T. V. de. (2018). A (re) invenção do cotidiano no envelhecimento pelas práticas corporais e integrativas: escolhas possíveis, responsabilização e autocuidado. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 26(2), 367–380. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1238>
- Carvalho, F. F. B. de. (2015). Práticas corporais e atividades físicas na atenção básica do sistema único de saúde: ir além da prevenção das doenças crônicas não transmissíveis é necessário. *Movimento*, 22(2), 647–658. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.58174>
- Carvalho, F F.B de., & Nogueira, J. A.D (2016). Práticas corporais e atividades físicas na perspectiva da Promoção da Saúde na Atenção Básica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(6). <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.07482016>
- Castro, E. D. de. (2000). Arte, corpo e terapia ocupacional: aproximação, intersecções e desdobramentos. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 11(1), 7-12. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.2000.224370>
- Cunha, A., & Santos, T. (2009). A utilização do grupo como recurso terapêutico no processo da terapia ocupacional com clientes com transtornos psicóticos:



apontamentos bibliográficos. *Cadernos de Terapia Ocupacional*, 17(2).
<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/103/68>

Ferigato, S., Silva, C., & Ambrosio, A. (2018). A corporeidade de mulheres gestantes e a terapia ocupacional: ações possíveis na Atenção Básica em Saúde. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 26. 768-783.
<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1173>.

Fernandes, J., Marmeleira, J., & Gutierrez Filho, P. (2020). Prática de mediação corporal com gestantes: orientações e fundamentos. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 28(2), 682–692. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1998>

Ferreira, W. (2020). Regulação emocional em terapia cognitivo comportamental. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 5(9). ISSN 2448-0738.
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/24411>

Gomes, D., Teixeira, L., & Ribeiro, J. (2021). Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4ª Edição. Versão Portuguesa de Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA - 2020). Politécnico de Leiria.
<https://iconline.ipleiria.pt/entities/publication/7d649131-0063-484c-8383-1bbc18d7793f>. <https://doi.org/10.25766/671r-0c18>

Guattari, F., & Rolnik, S. (2005) *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes.

Knuth, A. G., & Antunes, P. de C. (2021). Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. *Saúde E Sociedade*, 30(2), e200363.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>

Liberman, F. (2002). Trabalho corporal, música, teatro e dança em Terapia Ocupacional: clínica e formação. *Cadernos – Terapia Ocupacional: produção de conhecimento e responsabilidade social*, 8(3).
<https://conectato.files.wordpress.com/2012/04/artigo-3.pdf>

Liberman, F., Lima, E. M. F. de A., Maximino, V. S., & Carvalho, Y. M. de .. (2017). Práticas corporais e artísticas, aprendizagem inventiva e cuidado de si. *Fractal: Revista De Psicologia*, 29(2), 118–126.
<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2163>

Liberman, F. (2007). *Delicadas coreografias: instantâneos de uma Terapia Ocupacional* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São



Paulo]. Repositório Digital de Teses e Dissertações da PUC São Paulo.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15625>

Liberman, F., Samea, M., & Rosa, S. (2011). Laboratório de atividades expressivas na formação do terapeuta ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 19(1).
<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/423>

Lima, E.A, Providello, G., Silva, J.A, Aleixo, J.M.P, Pellegrini, L., Aversa, P.C, Barrenha, T., & Cardoso, T.M. (2021). Práticas estéticas e corporais: criação e produção de subjetividade na atenção psicossocial. *Saúde Em Debate*, 45 (129), 420–434. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202112913>

Lima, F. A (2016). Saúde mental à luz da psicologia corporal. *Revista Latino-americana de psicologia corporal*, 3(2).
<https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/40>

Medeiros, M.G.F (2019). O uso das práticas integrativas na Terapia Ocupacional: o corpo como forma de cuidado. [Trabalho de conclusão de curso de graduação, Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília]. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da UNB.
<https://bdm.unb.br/handle/10483/23090>

Melo, C., Schneider, M., & Antunes, P. (2006). O corpo respir-ação na busca do equilíbrio da vida: elementos para uma re(significação) das práticas corporais. In A.M. Silva, & I.R. Damiani, I.R (Org.), *Práticas Corporais: construindo outros saberes em Educação Física*. (Vol. 4, pp. 21-40). Naemblu Ciência & Arte.
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/236556/praticasCorporaisVolume4.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Ministério da Saúde. (2017). Portaria de Consolidação nº 3, de 28 de Setembro de 2017. *Consolidação das normas sobre as redes do Sistema Único de Saúde*.
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0003_03_10_2017_ARQUIVO.html.

Moura, A. H. (2002). *O equipamento de saúde mental, suas instituições e o clube dos saberes* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Digital da produção científica e intelectual da Unicamp.
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/258570>

Oliveira, I.B da S. (2016). *Artesania do cuidado: reverberações do corpo, do tempo e da experiência estética na Terapia Ocupacional* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Digital de Teses



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e Dissertações da PUC São Paulo.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15472>

Oliveira, I. B. da S., & Araújo, L. da S. (2013). Paisagens acolhedoras em um tempo de sutilezas: Ressonâncias da dança em uma clínica corporal em saúde mental. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 21(3). <https://doi.org/10.4322/cto.2013.059>

Rodrigues, N. F. de A., & Souza, R. G. da M. de .. (2020). As experimentações corporais nos processos formativos da graduação em terapia ocupacional: uma revisão na literatura brasileira. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 28(1), 271–290. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1864>

Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir: perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2). <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>

Rosa, L. S., & Mackedanz, L. F. (2021). A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. *Atos de Pesquisa em Educação*, 16, e8574. <https://doi.org/10.7867/1809-0354202116e8574>.

Saito, C., & Castro, E. (2011). Práticas corporais como potência da vida. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 19(2). <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/460>

Silva, M. L. da, & Gregorutti, C. C. (2014). Abordagens corporais: recurso transformador na formação do terapeuta ocupacional. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 25(2), 135-141. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i2p135-141>

Silva, M. L. C. da, Souza, C. C. B. X. de & Toldrá, R. C. (2024). Terapia ocupacional e as práticas corporais: revisão integrativa da literatura. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 34(1-3), e221057. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v34i1-3e221057>

Toldrá, R.C., Cordone R.C., Arruda, B.A., & Souto, A.C.F. (2014) Promoção da saúde e da qualidade de vida com idosos por meio de práticas corporais. *Mundo da Saúde*, São Paulo; 38(2):159-68. <https://doi.org/10.15343/0104-7809.20143802159168>

Submetido: 01/11/2025



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Aprovado: 28/11/2025

Publicado: 30/11/2025

Autores

Ingrid Bergma da Silva Oliveira

Universidade do Estado do Pará. ingrid.oliveira@uepa.br
<https://orcid.org/0000-0001-8896-4522>

Letícia Medeiros Castelo Branco de Sousa

Universidade do Estado do Pará. leticiasousa.to@gmail.com

Lucivaldo da Silva Araújo

Universidade do Estado do Pará. lucivaldoaraujo@uepa.br.
<https://orcid.org/0000-0002-8974-0886>